Irã mergulha na incerteza

Ataques dos EUA e de Israel matam o líder supremo da teocracia xiita, o aiatolá Khamenei, no poder há 37 anos. Especialistas, porém, afirmam que é muito cedo para que se possa ter clareza sobre futuro do regime no país persa

» PALOMA OLIVETO
» RODRIGO CRAVEIRO

Comandado desde 1979 pelos aiatolás, o Irã enfrenta, agora, um momento de profunda incerteza política. A mídia estatal iraniana, confirmou, no fim da noite de ontem (no horário de Brasília), que o líder supremo, Ali Khamenei, chefe absoluto do Estado, das Forças Armadas e do Judiciário, foi morto nos ataques deflagrados nesse sábado por EUA e Israel contra o país persa. Diversas autoridades do primeiro escalão do regime teocrático xiita também teriam perecido durante os bombardeios, abrindo um vazio no poder.

"Um novo líder provavelmente será escolhido em breve, mas o que acontecerá a seguir e como isso afetará a legitimidade do governo ainda é incerto", opina Sean Foley, professor de história islâmica e de Oriente Médio da Middle Tennessee State University. "Guerras podem impactar a percepção do governo de maneiras imprevisíveis. Ele era líder espiritual do Irã e tinha grande influência nas políticas militares e externas."

Para Eduardo Galvão, doutor em relações internacionais e especialista em geopolítica e risco político do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), a morte do aiatolá terá um impacto geopolítico profundo. "O líder supremo é o eixo de coesão do sistema iraniano, mas o regime foi estruturado para sobreviver a choques dessa magnitude. A tendência imediata será demonstrar continuidade institucional, ativando rapidamente os mecanismos de sucessão e reforçando o aparato de segurança para evitar qualquer percepção de fragilidade", afirma.

Herdeiro

No caso de continuidade do regime, um dos nomes que surgem como possível herdeiro é Mojtaba Khamenei, segundo filho mais velho do líder supremo. Nascido em 1969, o clérigo é considerado uma figura política influente, com fortes laços com as guardas paramilitares — ele teria assumido o controle da milícia Basij, crucial para a repressão de dissidências internas e policiamento moral no Irã. O cientista político Michael Horowitz, da Universidade da Pensilvânia, ressalta que a sucessão não é certa. "O Irã deveria ter procedimentos em vigor para garantir uma sucessão estável, mas não está claro como as coisas vão se desenrolar. Há muita incerteza agora, e a estabilidade da região está por um fio."

Segundo fontes do governo iraniano ouvidas pelo jornal *The New York Times*, Ali Khamenei expressou favoritismo por três nomes para o cargo de líder supremo. A reportagem cita o chefe do Judiciário, Gholam-Hossein Mohseni-Eje'i; o chefe de gabinete do aiatolá Khamenei, Ali Asghar Hejazi; e Hassan Khomeini, um clérigo moderado da facção política reformista e neto do aiatolá Khomeini, que liderou a Revolução Islâmica em 1979.

Exilado nos Estados Unidos, e uma das principais vozes da diáspora iraniana, o filho do último xá do Irã, Reza Pahlavi, 65 anos, disse há duas semanas em Munique, na Alemanha, que estava "pronto para conduzir uma transição política no Irã". Ontem, ele publicou um comunicado nas redes sociais, comemorando o anúncio da morte de Ali Khamenei. "Com sua morte, a República Islâmica chegou efetivamente ao fim e em breve será relegada ao esquecimento", escreveu. "Qualquer tentativa dos remanescentes do regime de nomear um sucessor para Khamenei está fadada ao fracasso desde o início. Quem quer que seja colocado em seu lugar não terá legitimidade nem sobreviverá; e, sem dúvida, também será cúmplice dos crimes deste regime", avisou.

Perigoso

Sanam Vakil, diretora do programa para o Oriente Médio e Norte da África da Chatham House, um centro de análises políticas no Reino Unido, acredita que "o povo iraniano arcará com o maior custo" da instabilidade no país. "Essa nova fase do conflito diz respeito claramente à sobrevivência do regime", diz, acrescentando que uma queda iminente dos líderes supremos é improvável. "A pressão militar externa pode enfraquecer um regime, mas não cria automaticamente uma alternativa viável. O período entre o colapso do regime e a consolidação democrática é historicamente a fase mais perigosa", afirma Vakil. "O paralelo com a guerra do Iraque de 2003 é difícil de ignorar. Aquela guerra demonstrou que derrubar ou tentar derrubar um regime é muito mais fácil do que moldar o que vem depois."

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR), acredita que o fim da era dos aiatolás dependerá da vontade dos iranianos. "O regime deve colapsar por causa dos bombardeios, mas a mudança de regime somente ocorrerá de dentro para fora", diz. "Os iranianos somente saem às ruas quando estão certos de que as forças do regime não dispararão contra eles. Acho que as pessoas ficarão mais cautelosas, mas estou certo de que desejam a mudança."

AFP

Hoje um dos líderes da oposição iraniana no exílio, o ex-príncipe coroado Reza Pahlavi faz sinal da vitória, ao lado da esposa, em Munique

UGC / Vídeo

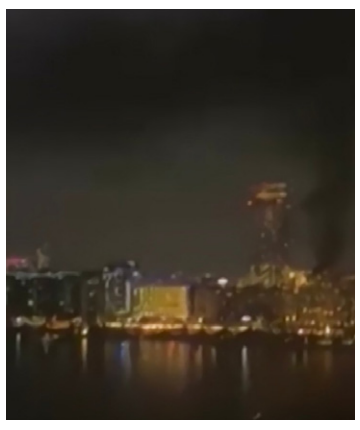

Imagem de vídeo mostra fumaça sobre Dubai, após reação do Irã

Golfo Pérsico em chamas

Quando uma onda de mísseis iranianos desabou ontem sobre Arábia Saudita, Bahrein, Catar e Emirados Árabes Unidos, em retaliação aos ataques desferidos pelos Estados Unidos e por Israel desde o início do dia, não foram atingidos apenas bases militares norte-americanas na região e prédios civis próximos. O contra-ataque do Irã acertou no coração de uma estratégia de anos nos ricos países do Golfo Pérsico: a aposta no turismo como forma de escapar da dependência do dinheiro obtido com a exploração das vastas — porém finitas — reservas de petróleo da região.

Enquanto colunas de fumaça se erguiam das bases americanas em Manama, no Bahrein, e Abu Dhabi, nos Emirados, fortes explosões sacudiam as janelas de arranha-céus em Dubai. Há registros de danos em ao menos um hotel de luxo e no aeroporto da cidade, conhecida pelo turismo de luxo, e muito procurada por ocidentais — inclusive brasileiros. O ataque deixou ao menos quatro feridos.

No Catar, dezenas de pessoas fugiram em pânico quando um míssil caiu em um bairro residencial e formou uma bola de fogo ao impactar contra a rua. Segundo um diplomata do país, que pediu anonimato, seu país "foi alvo de 44 mísseis e oito drones", em um ataque que deixou "oito feridos, um deles em estado crítico".

Nos Emirados Árabes Unidos, o Ministério da Defesa informou que 137 mísseis e 209 drones foram lançados pelo Irã contra o país, e sustentou que a maioria foi destruída ou interceptada. Destroços de um dos mísseis, porém, provocaram a morte de um civil e deixaram sete feridos no aeroporto de Abu Dhabi.

As monarquias do Golfo trabalharam intensamente nas últimas décadas para se manter à margem dos conflitos no Oriente Médio, confiando em estabilidade para atrair negócios, comércio e turismo. Embora aliados dos Estados Unidos, também cultivam cuidadosamente suas relações com o Irã, seu poderoso vizinho xiita.

Até a Arábia Saudita, adversário peso-pesado da República Islâmica há muito tempo, restabeleceu relações com Teerã em 2023, após uma ruptura de sete anos.

Perplexidade

Dada a sua reputação de calma, os ataques repentinos deste sábado contra bases militares americanas causaram uma comoção generalizada entre as diversas populações do Golfo, compostas, em grande parte, por expatriados.

Na capital do Bahrein, Manama, os moradores foram evacuados apressadamente do distrito de Juffair, onde fica a base da Quinta Frota da Marinha americana, atingida durante o ataque. "Quando ouvimos o barulho, gritamos de medo", disse Jana Hassan, estudante de 15 anos que visitava uma amiga na região. "Não sabíamos o que fazer... Jamais me esquecerei do barulho dessas fortes explosões", detalhou.

Em Dubai, o centro financeiro do Oriente Médio, onde fica o edifício mais alto do mundo, o Burj Khalifa, os moradores observavam icrédulos enquanto os mísseis cruzavam o céu. "Foi um estrondo e depois uma explosão", indicou um morador à agência de notícias AFP, que pediu anonimato.

Três perguntas para

Manuel Furriela, especialista em relações internacionais e reitor da Universidade Católica de Brasília (UCB)

Divulgação/UCB

Os objetivos declarados pelos Estados Unidos para o ataque ao Irã, como impedir a aquisição de armas nucleares e libertar o povo iraniano, são realistas?

Os ataques norte-americanos ao Irã têm, sim, relação com o projeto nuclear daquele país. O Irã tem enriquecido o urânio e vem desenvolvendo um programa que não é somente pacífico, como ele alega. Países que pretendem desenvolver projetos nucleares com essa finalidade, como, aliás, também é o caso do Brasil, não enriquecem urânio no percentual e na quantidade que tem feito o Irã. Além disso, esse tipo de armamento é muito perigoso, lembrando aqui que é o de maior potencial de destruição de toda a história da humanidade. Os Estados Unidos não estão atacando, obviamente, só por esse motivo. Existem outros interesses. Um deles é o de destituir o governo iraniano, que causa sérios problemas ao seu desenvolvimento internacional. O Irã tem sido um dos grandes obstáculos no desenvolvimento das relações dos Estados Unidos em todo o Oriente Médio. Além disso, o Irã apoia grupos insurgentes e terroristas dos mais variados, que atacam Israel constantemente, como é o caso do Hezbollah.

Como o ataque ao Irã pode alterar o equilíbrio de poder no Oriente Médio?

Os ataques dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã têm potencial de trazer uma grande alteração geopolítica em todo o Oriente Médio. Mesmo com dificuldades de rivalizar com grandes potências internacionais, como é o caso dos EUA, o país persa ainda é uma grande potência regional. O Irã é um dos estados com maior extensão territorial, maior população e, mesmo com armamentos obsoletos, ainda tem uma capacidade regional representativa. Além disso, tem desenvolvido outras tecnologias bélicas — a de mísseis balísticos é uma das mais avançadas.

Do ponto de vista do direito internacional, os ataques são legais?

Mesmo com tantas críticas que se possa fazer e se deve fazer ao governo iraniano relacionadas ao desrespeito em larga escala aos direitos humanos, à restrição aos direitos das mulheres, ao empobrecimento da população, à corrupção e até mesmo àquele Estado que efetivamente, indiscutivelmente, apoia grupos insurgentes e grupos terroristas internacionais, os ataques não têm respaldo internacional. Esse respaldo viria mediante decisão do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). De qualquer forma, muitos acabarão aceitando essa intervenção. Pois o Irã é governado por um regime que tem vários pontos que colocam efetivamente a sua população numa situação de ataques aos seus direitos mínimos e, também, mesmo que não se assuma ou não se aceite em esferas internacionais, sabe-se que o país apoia, sim, grupos que colocam em risco a segurança regional. (**PO**)

Ataque atinge escolas e mata ao menos 110 estudantes

A primeira onda de ataques conjuntos dos Estados Unidos e de Israel atingiu, segundo o governo iraniano, duas escolas: um colégio primário feminino em Minab, no sul do país persa, onde ao menos 108 estudantes teriam sido mortas; e uma unidade de ensino médio em Teerã, com dois estudantes como vítimas. O presidente da Suprema Corte do Irã, Gholamhossein Mohseni-Ejei, mais alta autoridade do Judiciário local, expressou "profundo pesar" pelo bombardeio na escola primária Shajareh Tayyibeh, afirmando que o "ato criminoso" cometido contra as jovens estudantes "jamais será apagado da memória histórica da nação iraniana".

Mohseni-Ejei descreveu o episódio como mais uma prova dos "crimes contra a humanidade" cometidos pelos EUA e por Israel. O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, também foi duro ao condenar a alegada ação de norte-americanos e israelenses, afirmando que a "medida brutal" faz parte do "incontável histórico de crimes cometidos por agressores contra essa terra, que não será apagado da memória da nossa nação".

Logo após o ataque, o regime iraniano divulgou comunicado em que ordenou o fechamento de escolas e universidades em todo o país "até segunda ordem". O texto incluía pedido para que os iranianos evitassem aglomerações em ruas e mercados.

A escola Shajareh Tayyibeh fica na província de Hormuzgan, perto do Estreito de Ormuz. A informação do bombardeio ao local foi confirmada pelo Crescente Vermelho, a organização islâmica de ajuda similar à Cruz Vermelha, e pelo Hengaw, um grupo baseado na Noruega que trata de violações de direitos humanos no Irã. No momento do ataque, por volta das 10h, no horário local, havia 170 alunas no primeiro turno escolar do dia. No país, sábado é o início da semana de trabalho.

Em Teerã

Segundo o Crescente Vermelho, outro colégio foi atingido nos ataques aéreos. Mísseis teriam provocado a morte de dois estudantes ao atingir a Hedayat High School, na capital, Teerã. A informação foi dada pela Human Rights Activists News Agency. A escola teria sido bombardeada por ficar muito próxima da casa do ex-presidente linha-dura Mahmoud Ahmadinejad.

Um jornal iraniano afirmou que Mahmoud Ahmadinejad não teria sido ferido, mas que três de seus seguranças foram mortos, informou o *The New York Times*.

MITA / IRIB TV / AFP

Ataque de EUA e Israel teria atingido escola primária